

> Virginia e Carolina: a ambiguidade do espaço privado na vida das mulheres

> Virginia and Carolina: the ambiguity of private space in women's lives

por **Simã Catarina de Lima Pinto**

Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense. Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense. Email: simacatarina@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0913-7639>.

Resumo

A proposta deste ensaio é fazer uma relação entre dois tipos de trabalho realizados no espaço privado: o trabalho doméstico e o trabalho de escrita. Mulheres vivenciam esse ambiente enquanto espaço de trabalho de modos diferentes. Essa experiência pode ser tanto de subalternidade, enquanto vivenciada num local onde as tarefas domésticas são realizadas, em regra, por mulheres, quanto emancipatória, enquanto espaço onde a escrita pode ser realizada com maior liberdade e autonomia. Para estabelecer a relação entre esses dois tipos de trabalho na vida de muitas mulheres, as condições materiais, contratempas ou mesmo impossibilidades impostas pelo ambiente para a escrita, são aqui apresentadas a partir dos distanciamentos e aproximações encontradas entre as obras de Virgínia Woolf e de Carolina Maria de Jesus. A produção de desigualdades tais como o racismo, o sexismo e as diferenças de classe que permeiam e diferenciam as condições materiais de ambas as escritoras são trabalhadas com o suporte de autoras das Ciências Sociais cujos estudos permitem identificar os reflexos dos marcadores sociais presentes na escrita de ambas.

Palavras-chave: Escrita de mulheres. Espaço Privado. Virgínia Woolf. Carolina Maria de Jesus.

Abstract

The paper makes a relate between two types of work carried out in the private space: housework and writing work. Women experience this environment as a workspace in different ways. This experience can be both subaltern, as lived in a place where household chores are performed, as a rule, by women, and emancipatory, as a space where writing can be carried out with greater freedom and autonomy. In order to relate these two types of work in the lives of many women, the material conditions, set backs or even impossibilities imposed by the environment for writing, are presented here from distances and approximations found between works of Virgínia Woolf and Carolina Maria de Jesus. The production of inequalities such as racism, sexism and class differences that permeate and differentiate the material conditions of both writers are worked with the support of authors from the Social Sciences whose studies allow the identification of the reflexes of social markers present in the writing of both.

Keywords: Women's writing. Private space. Virginia Woolf. Carolina Maria de Jesus.

> Artigo recebido em 28.02.2022 e aceito em 22.04.2022.

1. Introdução

O espaço privado tende a ser um lugar de reforço e manutenção do *status quo* no que se refere às atribuições que social e tradicionalmente são designadas às mulheres. A multiplicidade e a carga de tarefas domésticas, além de não remuneradas, são pouco reconhecidas como trabalho. Atividades cansativas e repetitivas que mantêm a mulher restrita a determinados tipos de tarefas que demarcam e reforçam estereótipos de gênero. Nesse aspecto,

as inúmeras tarefas conhecidas coletivamente como “tarefas domésticas” – cozinhar, lavar a louça, lavar roupa, fazer a cama, varrer, comprar, etc. – aparentemente consomem três a quatro mil horas anuais de uma dona de casa. Tão surpreendente quanto essa estatística poderá ser o facto do mesmo não contabilizar a variável inquantificável que as mães devem dar atenção aos seus filhos. Assim como os deveres maternais da mulher são tomados como garantidos, também a interminável labuta da dona de casa é raramente apreciada dentro do seio familiar. O trabalho doméstico é virtualmente invisível. “Ninguém nota a não ser que não esteja feito”- Nós notamos a cama desfeita, mas não o chão esfregado e polido”. Invisível, repetitivo, exaustivo, improdutivo, não criativo - Estes são os adjetivos que a maioria capta da natureza das tarefas domésticas¹

A desvalorização desse trabalho cujas características são a invisibilização, a repetição e a redução do tempo da mulher para outras atividades impõem uma dinâmica exaustiva, pois é um trabalho que, por existir algo sempre a se fazer, nunca se conclui de fato. As tarefas se repetem sem que delas se extraia um produto ou um resultado que perdure para além do momento em que é realizado, por ser um serviço incessante de manutenção da vida cotidiana, pautado pela constância. O confinamento privado imposto pelo trabalho doméstico implica, ainda, a docilização dos corpos femininos num constante processo de domesticação e assujeitamento, de modo que outras atividades realizadas por mulheres, no mesmo espaço, sejam atravessadas por um incômodo: o fato de existir algo mais a ser feito; por uma tarefa paralela que está sempre à espera e por fazer.

A despeito da importância desse trabalho para a sobrevivência e realização de todas as demais tarefas da vida cotidiana, para quem o realiza “não é produtivo nem criativo”², de modo que “há um trabalho que liberta e outro que massacra; um que é criativo, outro que é alienante; um que é formador, outro que só sabe usar, deformar, estragar...”³.

É em razão disso e porque muitas profissões demandam que a escrita seja predominantemente realizada no espaço doméstico que se dá a necessidade de

¹ Angela Davis, *Mulher, raça e classe*, 2013, p. 159.

² Angela Davis, *Mulher, raça e classe*, 2013, p. 159.

³ André Comte-Sponville, *A vida humana*, 2007, p. 61-62.

tratar da interferência das tarefas domésticas na vida de mulheres cujas profissões demandam a regularidade da escrita e que se veem, por isso, ainda mais reclusas nesse espaço. O ambiente privado da casa é, ao mesmo tempo, o lugar onde muitas mulheres permanecem aprisionadas em estereótipos de gênero nas funções invisibilizadas de cuidado, limpeza e inúmeras outras tarefas domésticas voltadas à economia e à organização da vida familiar. Mas é no limite entre essas tarefas desvalorizadas e de pouca durabilidade e a profissão exercida por essas mulheres que a escrita se encontra. É nesse espaço limítrofe, onde vida doméstica e profissão se tensionam, que se dá atividade da escrita. Atividade que carrega, por si só, vários fatores históricos, culturais e aqueles que são particulares no currículo e nas circunstâncias da vida de cada mulher.

Com isso, vida privada e profissão, muitas vezes, se misturam no espaço doméstico, lugar onde outros marcadores sociais se impõem sobre as mulheres, como a raça e a classe. E é sobre essas tantas diferenças e dificuldades presentes na vida e na escrita de muitas mulheres que este ensaio trata. Para isso, algumas das obras de duas escritoras, Virgínia Woolf e Carolina Maria de Jesus, são aqui relacionadas. Duas mulheres escritoras, separadas geográfica e culturalmente, bem como por sua classe e por sua raça, em dois universos distantes, mas cujas preocupações coincidem: a necessidade e a vontade de escrever. São essas características presentes em alguns de seus escritos que permitem desenvolver aproximações e distanciamentos entre ambas as autoras.

2. Escrita e trabalho doméstico

Virgínia Woolf demonstra interesse e preocupação com o tema das profissões para as mulheres ao longo de sua trajetória literária, o que pode ser visto em muitos de seus ensaios e romances⁴. Dentro desse tema, a escrita das mulheres e os fatores a ela ligados são tratados de forma mais específica. Em *Um teto todo seu* (1929), ela observou a importância do espaço privado para que mulheres pudessem exercer a escrita: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção”⁵. Isso porque nesse espaço próprio as chances de interrupções são menores. Como ela mesma coloca, para o trabalho criativo de escrita, “as circunstâncias materiais em geral estão em

⁴ Virginia Woolf, *Mrs Dalloway*, 2020b; *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, 2020; *Um teto todo seu*, 2014.

⁵ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014, p. 12.

oposição. Os cachorros vão latir; as pessoas vão interromper; o dinheiro precisa ser ganho; a saúde vai sucumbir”⁶. Woolf, a partir da personagem Mary Beton que, muitas vezes, pode ser confundida com a própria autora, faz considerações de gênero e de classe, quase indistintamente, na medida em que ambas estão inevitavelmente imbricadas.

Por conseguinte, o espaço doméstico pode ser tanto o espaço cujas circunstâncias vão formar “o estado de espírito mais propício para o ato de criar”⁷, ou que lhe induza “a um estado de letargia constante”⁸ quanto o espaço no qual as circunstâncias materiais vão dificultar ou mesmo impedir a realização desse trabalho, o que vai se impor de modo mais evidente e intenso à realidade das mulheres, considerando que “uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres”, um trabalho invisível, “realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno”⁹. Situação que compõe a lógica da família tradicional e patriarcal na qual “o homem tende a legislar a vida da mulher e extorquir dela um *quantum* significativo do seu trabalho doméstico”¹⁰, o que sustenta as tarefas domésticas como o campo natural de atividades femininas na sociedade, de modo que é em torno delas que a identidade feminina é imposta¹¹.

Trata-se de uma lógica, um modo de prosseguir socialmente, pautada na divisão sexual do trabalho, que é “modulada histórica e socialmente” cujas características se fundam na “designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)¹².

Essa situação decorre do fato de que a maioria dos homens “não faz trabalho doméstico e, quando faz, trabalha pouco; uma parte pequena, mas não irrelevante, dos homens que fazem trabalho doméstico, são homens sem trabalho

⁶ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014, p. 76-77.

⁷ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014, p. 76.

⁸ Virginia Woolf, *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, 2020, p. 15.

⁹ Helena Hirata e Dâniele Kergoat, “Novas configurações da divisão sexual do trabalho” 2007, p. 597.

¹⁰ Claudia Mazzei Nogueira. “As trabalhadoras do telemarketing: uma nova divisão sexual do trabalho?”, 2009, p. 210.

¹¹ Hildete Pereira de Melo e Débora Thomé, *Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores*, 2018.

¹² Helena Hirata e Dâniele Kergoat, “Novas configurações da divisão sexual do trabalho” 2007, p. 599.

pago”¹³, o que “possibilita a dedicação ampliada do tempo dos maridos ao trabalho e/ao lazer”¹⁴. A consequência disso é que as tarefas inerentes ao espaço privado ainda são vistas como responsabilidade das mulheres, já que espera-se delas a “capacidade de cuidar dos outros e de renunciar a seus interesses”¹⁵. Por conseguinte,

a responsabilidade exclusiva pela gestão da vida doméstica corresponde, ao mesmo tempo, à vulnerabilidade na vida privada (em que os arranjos convencionais, ou quase convencionais, produzem desvantagens para as mulheres, que têm menos tempo e recursos para qualificar-se e investir em sua vida profissional, permanecendo dependentes ou obtendo rendimentos menores do que os homens).¹⁶

Nesse aspecto, Virgínia Woolf, em 1929, assim como Simone de Beauvoir, em 1949, na perspectiva de duas mulheres brancas, observaram como as mulheres são utilizadas em benefício dos homens: “a enorme importância para o patriarcado de ter de conquistar, ter de governar, de achar que um grande número de pessoas, metade da raça humana, na verdade, é por natureza inferior”, o que “deve ser realmente uma das principais fontes de seu poder.”¹⁷. De modo semelhante, Beauvoir considerou que “a burguesia conservadora continua a ver a emancipação da mulher como um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses. Certos homens temem a concorrência feminina” e “o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres”¹⁸. As mulheres negras, por sua vez, além de serem subjugadas pelos homens, assim como são as mulheres brancas, são duplamente objetificadas por parte de outras mulheres brancas que, muitas vezes, na luta contra as desigualdades de sexo, silenciam quanto à discriminação racial, o que se dá pelo fato de que, conforme observa Lélia Gonzalez, “a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra”¹⁹.

Um ponto importante a ser observado sobre isso é que do mesmo modo que os homens atribuem emoção ao discurso de mulheres e, com isso, minimizam a relevância do que é dito, mulheres brancas reproduzem a mesma lógica ao objetificarem mulheres negras, naturalizando-as a papéis de subserviência. Em ambos os casos, o grupo cujo discurso é excluído e a subjetividade é objetificada “é tratado como objeto e não como sujeito”²⁰. Por conseguinte, a condição de

¹³ Marcelo Medeiros e Luana Simões Pinheiro, “Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil”, 2018, p. 181.

¹⁴ Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli, *Feminismo e política: uma introdução*, 2014, p. 50.

¹⁵ Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli, *Feminismo e política: uma introdução*, 2014, p. 50.

¹⁶ Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli, *Feminismo e política: uma introdução*, 2014, p. 49.

¹⁷ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014, p. 53-54.

¹⁸ Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, 2009, p. 25-26.

¹⁹ Lélia Gonzalez, *Por um feminismo afro-latino-americano*, 2020, p. 36.

²⁰ Lélia Gonzalez, *Por um feminismo afro-latino-americano*, 2020, p. 36.

Carolina é atravessada não apenas pela desigualdade sexual, mas, ainda, pelo racismo e pelas profundas desigualdades de classe no sentido de que, para mulheres negras, ser mulher diz respeito não apenas ao enfrentamento do sexismo, mas ao enfrentamento do racismo e do preconceito de classe por parte também de mulheres brancas.

Em Virgínia, uma característica marcante em seus escritos, é que, para ela, pensar na diferença entre os sexos era ao mesmo tempo um aspecto fundamental e incômodo, por lhe representar um esforço psíquico: ter em vista a divisão entre os sexos rompia a unidade da mente. O estado de espírito favorável à criação seria o andrógino, pois com essa fusão é que se daria a fertilização completa da mente para o uso de todas as suas faculdades²¹, o que permitiria um estado “de espírito mais eclético e aberto” aos autores²². Isso está presente em alguns de seus ensaios, quando ela observa o efeito criativo de se resistir à tentação da raiva decorrente da zombaria e censura direcionadas às mulheres que escreviam. Virgínia pontua, assim, o risco de uma obra perder sua “plena integridade” ao se adotar uma visão “masculina demais ou feminina demais”²³. O impulso que orientaria as melhores criações estaria fundado num “nós”, ou em “toda a espécie humana”, ao invés de se bifurcarem na divisão entre padrões e governantas²⁴, isto é, na divisão rígida de gênero entre os sexos.

Como se pode perceber, para Virgínia, os efeitos da diferença entre os sexos na escrita são notórios em muitas passagens, e, embora esses efeitos estejam presentes também em Carolina, nesta eles são sobrepostos também pela raça e pela classe, não parecendo ser possível separar a presença dos três marcadores gênero, raça e classe em sua escrita:

Eu disse: o meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa.²⁵

Se não apenas o gênero, mas outras formas de opressões e desigualdades existentes atravessam a escrita das mulheres, é necessário observar que as desigualdades entre mulheres brancas e mulheres negras interferem em suas

²¹ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014.

²² Virginia Woolf, "Jane Eyre e O morro dos ventos uivantes", 2019, p. 48-49.

²³ Virginia Woolf, "As mulheres e a literatura", 2021, p. 109.

²⁴ Virginia Woolf, "Jane Eyre e O morro dos ventos uivantes", 2019, p. 51.

²⁵ Carolina Maria de Jesus, *Antologia pessoal*, 1996, p. 43.

experiências vividas no espaço doméstico. Para mulheres negras, como foi o caso de Carolina, o trabalho doméstico não era aquele realizado apenas em sua própria casa, em seu âmbito familiar, mas o que ela já havia realizado enquanto empregada doméstica na residência de terceiros, como narrado em *Diário de Bitita*, obra na qual ela conta sua vida antes de chegar à favela do Canindé, em São Paulo: “Quando o soldado ia me bater o telefone tocou. O padre avisava que havia encontrado o dinheiro na carteira dos cigarros”²⁶. Essa passagem na qual Carolina narra uma injusta acusação sofrida numa das casas onde trabalhou como empregada doméstica ilustra o que Anzaldúa observa em sua carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo: “os perigos que enfrentamos como mulheres de cor não são os mesmos das mulheres brancas, embora tenhamos muito em comum.”²⁷

Como coloca Gonzalez, na sociedade brasileira, de um modo especial, a naturalização do local da miséria é reservada aos negros, e a mulher negra é vista “como um corpo que trabalha, e que é superexplorado economicamente, ela é uma faxineira, cozinheira, lavadeira etc. que faz o ‘trabalho pesado’ das famílias de que é empregada”²⁸. A reserva de determinadas profissões às mulheres negras se relaciona diretamente à “desigual distribuição geográfica de brancos e negros e as práticas racistas do grupo racial dominante”²⁹, de modo que a “segregação geográfica dos dois grupos raciais foi inicialmente condicionada pelo funcionamento do sistema escravista e posteriormente reforçada pelas políticas de estímulo à imigração europeia”³⁰. Essa desigual distribuição do espaço geográfico demarca e reforça espaços privados precários nos quais muitas mulheres negras e pobres, como foi o caso de Carolina, vivem e trabalham por melhores condições de vida.

Com isso, o espaço privado na vida de muitas mulheres nessas condições se caracteriza não apenas pelo confinamento feminino nas tarefas domésticas, mas sobretudo pelos marcadores de raça e de classe que se somam à condição de mulher. E é sobre o reflexo da produção dessas diferenças no espaço privado, mas também sobre as semelhanças encontradas na escrita de Virgínia e de Carolina que as próximas páginas tratam.

²⁶ Carolina Maria de Jesus, *Diário de Bitita*, 1986, p. 130.

²⁷ Gloria Anzaldúa, “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, 2000, p. 229.

²⁸ Lélia Gonzalez, *Por um feminismo afro-latino-americano*, 2020, p. 61.

²⁹ Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg, *Lugar de negro*, 1982, p. 90.

³⁰ Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg, *Lugar de negro*, 1982, p. 90.

3. Aproximações e distanciamentos entre Virgínia e Carolina

Tarefas infundáveis e diárias do espaço doméstico são concentradas e direcionadas predominantemente às mulheres, fragmentando sua atenção e energia. Raramente elas podem se dar ao privilégio de manter o foco numa única atividade criativa sem que simultaneamente tenham que se preocupar com tarefas à sua volta, com cuidados que lhes são impostos desde sempre e em razão de seu sexo. Apesar disso, quando uma mulher, ainda que presa a todas essas amarras da vida doméstica, ainda que em meio às piores e mais desvantajosas circunstâncias materiais possíveis, quando não apenas as opressões de gênero podiam ter lhe impedido a escrita como atividade cotidiana, mas suas condições materiais lhes serem totalmente desfavoráveis, Carolina escrevia. Ela começou a escrever enquanto ainda vivia na favela, trabalhava como catadora de material reciclável e cuidava sozinha de seus três filhos. Em seu contexto, sua preocupação não era a de ter “um teto todo seu” nos moldes de Virgínia, mas a extenuante luta diária pela sua sobrevivência e a de seus filhos.

Duas mulheres separadas não apenas geográfica e temporalmente, mas radicalmente por suas condições sociais. Para fazer referência a Becker, pode-se pensar nos efeitos das organizações sociais e na percepção de ambas as autoras na maneira como o ambiente³¹ em que estavam inseridas interferia e dificultava o trabalho que tinham a fazer. Enquanto Virgínia Woolf era uma mulher branca, nascida em Londres, filha de uma família de classe média inglesa, que se casou com um editor e autor britânico; Carolina Maria de Jesus era uma mulher negra, nascida em Sacramento, interior de Minas Gerais, mãe de três filhos e moradora de uma favela em São Paulo. Não fosse pela escrita habitual que ambas tinham como uma de suas prioridades, suas vidas poderiam ser vistas como radicalmente diferentes e opostas. Mas é justamente pelas diferenças tão evidentes, mas também pelas semelhanças que as unem que é possível fazer a relação entre os espaços e as condições em que ambas escreveram.

A escassez material da realidade de Carolina contrasta com o sentido da suma importância dada por Virgínia às coisas materiais cujos significados de uma renda fixa e de “uma fechadura na porta” representam, respectivamente, “o poder da contemplação” e “o poder de pensar por si mesma”³². Do mesmo modo,

³¹ Howard S. Becker, *Truques da escrita*: para começar e terminar teses, livros e artigos, 2015.

³² Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014, p. 150.

enquanto num primeiro momento a escrita de Carolina era conjugada com o trabalho como catadora, o único que até então lhe permitia alimentar seus filhos, e com a permanente preocupação com eles, Virgínia, ao se referir ao seu primeiro texto publicado e remunerado, admitia que “em vez de gastar aquele dinheiro com pão e manteiga, aluguel, meias e sapatos ou com conta do açougueiro, saí e comprei um gato – um gato lindo, um gato persa”³³. Ao contrário de Carolina, seus primeiros trabalhos como escritora lhe rendiam dinheiro não para sua sobrevivência, mas para gastos supérfluos. Já em Carolina, a remuneração pelo primeiro livro publicado seria direcionada às suas necessidades mais básicas: “Graças a Deus eu vou receber 150 mil cruzeiros por um livro e hei de ter o que comer”³⁴.

A despeito disso tudo, nota-se em Carolina que a escrita era para ela uma atividade habitual e de certa forma nuclear, como algo de que ela precisava: “quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”³⁵. Isso está presente também em seu segundo livro, *Casa de Alvenaria*, quando afirma que o escreveu no auge do desespero: “tem pessoas que quando estão nervosas xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.”³⁶. Se suas condições materiais poderiam tornar-lhe a escrita quase impossível, Carolina demonstrava que era essa mesma impossibilidade que a mantinha escrevendo e impedia que seu cotidiano se tornasse a mera labuta infinita pela sobrevivência. Por meio de sua escrita ela pontuava sua subjetividade e a história que ela contava de sua vida. É esse sentido dado pela própria autora à sua escrita e à construção de autonomia que conferiu centralidade e habitualidade a essa atividade. Seu hábito de escrever e o refúgio nele encontrado tornaram possível a reunião de vinte cadernos, escritos em meio à extrema miséria, os quais posteriormente foram impressos, como observou Dantas, “num livro que correu mundo, lido, discutido e admirado em treze idiomas”³⁷ e lhe conferiu o reconhecimento como escritora: “Eu passava pelas ruas e o povo ia dizendo: — Olha a escritora.”³⁸.

É no âmbito do espaço privado que se diferenciam percepções de duas mulheres que tinham como ponto central de suas vidas a escrita, o que demarca sobre elas os efeitos do espaço doméstico. Em Virgínia, assim como em Carolina,

³³ Virginia Woolf, *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, 2020, p. 11.

³⁴ Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria*, 1961, p. 17.

³⁵ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 2014, p. 19.

³⁶ Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria*, 1961, p. 22.

³⁷ Audálio Dantas, “A atualidade do mundo de Carolina”, 2014, p. 8.

³⁸ Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria*, 1961, p. 50.

a escrita era imprescindível, ainda que como meio de disfarce existencial, como numa das passagens de seu diário: “o único jeito de me manter à tona é trabalhar. Um lembrete para o verão: preciso aceitar mais trabalhos do que consigo fazer. Não sei de onde vem isso. No minuto em que paro de trabalhar, sinto-me afundar, afundar”³⁹. As semelhanças entre ambas, em meio a profundas diferenças, podem ser encontradas também na maneira como percebiam o curso da vida: “Despertei a noite e fiquei pensando na minha vida, que parece uma tragédia. A gente nasce e no decorrer da existência a vida vai ficando atribulada”⁴⁰.

O espaço privado é marcado, para Virgínia, enquanto uma necessidade de ter um teto todo seu, “um espaço próprio, que dirá um espaço silencioso ou à prova de som”⁴¹, enquanto para Carolina a sobrevivência num quarto de despejo é na verdade a sobrevivência numa favela. Ela compara regiões da cidade de São Paulo a cômodos de uma casa e a favela onde vivia é o quarto de despejo da casa:

É que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos⁴².

Essa comparação, uma de suas muitas características como escritora, está presente tanto em *Quarto de despejo* quanto em *Casa de alvenaria*. Sua maneira de lidar com o espaço privado não é particularizada, mas antes aparece como uma forma de reivindicar e contestar a situação da favela e dos favelados como resultados de decisões políticas: “...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.”⁴³. Pode-se dizer que sua maneira de perceber o barraco onde morava decorria das dificuldades sempre questionadas, como numa passagem em que o desejo de ficar em casa é confrontado com a fome: “Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer”⁴⁴.

Nesse sentido, a noção de espaço próprio, sem interrupções, nos termos de Virgínia, não aparece em Carolina, porquanto para esta as condições precárias

³⁹ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014, p. 180-181.

⁴⁰ Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria*, 1961, p. 48.

⁴¹ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014, p. 77.

⁴² Carolina Maria de Jesus, *Casa de alvenaria*, 1961, p. 17.

⁴³ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 2014, p. 27.

⁴⁴ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 2014, p. 28.

impostas pela pobreza e a realidade da favela faziam com que o espaço próprio pudesse ser uma casa e comida decentes:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha⁴⁵.

O teto de Carolina não é apenas distante da necessidade de não ser interrompida a cada instante, como Virgínia se refere, mas é antes marcado por uma vida tomada por dificuldades extremas: “cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta.”⁴⁶. O espaço onde Carolina escrevia nem sempre é representado por um local fechado, na privacidade de seu barracão, já que inserido no quarto de despejo, na favela, como ela mesma explica, como se nesse lugar a noção de privacidade fosse constantemente atravessada tanto pelas más condições ambientais quanto pela coletividade ali presente:

Esquentei a comida para os meninos e comecei escrever. Procurei um lugar para eu escrever socegada. Mas aqui na favela não tem estes lugares. No sol eu sentia calor. Na sombra eu sentia frio. Eu estava girando com os cadernos na mão quando ouvi vozes alteradas, fui ver o que era, percebi que era briga⁴⁷.

Suas necessidades eram conjugadas com sua escrita cotidiana e remetem ao que Virgínia reconheceu, por meio de sua personagem, que “não se pode pensar direito, amar direito, dormir direito quando não se jantou direito. O brilho no meio da espinha não se acende com bife e ameixas”⁴⁸. As condições materiais e ambientais sob as quais ambas escreveram, embora fossem totalmente distintas, não impediram que as duas observassem e atentassem para um mesmo aspecto que permeia a atividade de escrita, qual seja, as limitações e influências que o ambiente e o contexto lhes impunham, dadas as necessidades pessoais e a situação socioeconômica de cada uma.

Por conseguinte, embora as diferenças socioeconômicas e geográficas fossem abissais entre as duas escritoras, pode-se perceber que o espaço privado

⁴⁵ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, 2014, p. 33.

⁴⁶ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, 2014, p. 10.

⁴⁷ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, 2014, p. 86.

⁴⁸ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, 2014, p. 32.

é, em ambas, marcado por demandas que estão ligadas não apenas pelo seu gênero, mas sobretudo por sua classe social e pelas dificuldades encontradas na falta de recursos. No caso de Carolina, a miséria, o racismo e o cotidiano hostil vividos na favela do Canindé são recorrentes em seu primeiro livro, o que tornava o espaço privado constantemente envolto não apenas a interrupções da vida doméstica, mas a ameaças que podiam colocar em risco sua vida e a de seus três filhos que dependiam apenas dela para viver.

Mas a despeito das diferenças tão marcantes na escrita e na situação das escritoras, a vivência de ambas coincide relativamente à rotina em meio a contratos com editoras, relação com outros escritores e convites para eventos. No caso de Carolina, a escrita lhe proporcionou, aos 46 anos, a alteração súbita de uma rotina que antes era marcada pela miséria e constante falta de itens básicos para a sobrevivência, na condição de catadora de material reciclável, a uma rotina de idas e vindas das editoras, livrarias, eventos midiáticos e viagens. Como observou Meihy, “na cidade grande, depois de muito penar, tornou-se escritora famosa, quase que do dia para a noite”⁴⁹.

A preocupação constante com os filhos, bem como a manutenção da casa estão presentes ao longo de todo o *Quarto de Despejo* e de *Casa de Alvenaria*, de modo que são comuns, principalmente no primeiro livro, passagens como esta, na qual a sobrevivência, o cuidado dos filhos e as tarefas diárias marcavam seu cotidiano: “passei na feira. Comprei batata doce e peixe. Quando cheguei na favela era 12 horas. Esquentei a comida para o João e fui ajeitando o barracão. Depois fui vender umas latas e ganhei 40 cruzeiros. Retornei a favela e fiz o jantar”⁵⁰. Uma rotina marcada pela escassez, vivenciada num barraco na favela Canindé, primeira grande favela em São Paulo. Rotina restrita, à época, pela procura de materiais recicláveis no lixo para uso próprio e para venda a fim de comprar alimentos para ela e os filhos. Já no segundo livro, *Casa de Alvenaria*, a mudança repentina de rotina é vivenciada pelas idas e vindas das editoras e livrarias e o acesso a uma residência e alimentação dignas, provenientes da renda de seu primeiro livro, de todos os eventos e das novas experiências que sua obra lhe proporcionou.

⁴⁹ José Carlos Sebe Bom Meihy, “O inventário de uma certa poetisa”, 1996, p. 8.

⁵⁰ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 2014, p. 76.

4. Considerações finais

O trabalho doméstico em Carolina aparece como uma constante em seus escritos, ante o cuidado dos filhos, o que aparece de forma conjugada com sua luta por sobrevivência, sua busca diária por alimentar os filhos e as tarefas do dia-a-dia num contexto de vida tão sofrida. O trabalho doméstico como uma imposição de gênero para ela é interseccionalizado com a raça e a classe, pois em seu contexto e em sua escrita está presente o fato de ser mulher negra e pobre, com poucos recursos materiais. Já em Virgínia, e a despeito das profundas diferenças de classe e raça em relação à Carolina, a preocupação com as tarefas domésticas aparece como parte fundante do gênero, por se tratar de uma condição inerente à vida das mulheres brancas as quais a autora faz referência; tarefas que interferem diretamente, assim como em Carolina, na sua criatividade e escrita.

As diferenças entre as duas escritoras estão além da maneira como lidavam com as tarefas domésticas no espaço privado, na medida em que não apenas o gênero pesava sobre elas, mas o fato de que a pobreza de Carolina, antes de publicar seu primeiro livro, impunha-lhe barreiras muito mais rígidas ou quase impossíveis de serem rompidas a fim de fazer o que queria: escrever. Em razão disso, sua escrita resistia, inicialmente, à falta de recursos e as tarefas domésticas num ambiente onde a escassez podia determinar até mesmo quando e em quais circunstâncias a leitura e a escrita ocorreriam: “hoje eu não lavo as roupas porque não tenho dinheiro para comprar sabão. Vou ler e escrever”⁵¹.

Quanto à Virgínia, seu interesse pela escrita a levava a investigar como a vida de muitas mulheres escritoras era permeada de afazeres domésticos e interferências masculinas em seus escritos, bem como questões pessoais relacionadas à sua própria história de vida que lhe influenciavam a forma de lidar com o cotidiano. Nesse aspecto, embora não existissem dificuldades financeiras consideráveis a serem enfrentadas ao longo de sua vida na condição de escritora, sua condição de mulher ainda lhe impunha certas barreiras as quais ela notava em várias outras mulheres que lhe eram anteriores.

Por conseguinte, em ambas, as dificuldades enfrentadas por mulheres no trabalho de escrita demonstram que tanto num espaço privilegiado, como o de Virgínia, no qual as condições materiais lhe eram mais favoráveis, embora ela tenha enfrentado os problemas de sua época e dentro de suas condições, quanto

⁵¹ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 2014, p. 80.

num espaço de extrema pobreza, como o de Carolina, o trabalho e a constância da escrita, centrais e fundamentais para ambas, era realizado.

Muitas mulheres, ainda que encerradas em suas condições de vida mantiveram-se a escrever, a buscar fazer o que lhes dava algum sentido em meio a contextos desfavoráveis, cada qual à sua forma, a seu jeito e dentro de períodos sócio-históricos determinados. Muitas dessas situações vivenciadas por ambas ainda permanecem na vida de tantas outras mulheres no presente que, para escreverem, precisam romper barreiras históricas, culturais e sociais a fim de alcançar autonomia e liberdade. A escrita sempre foi, para mulheres, resistência.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*. v 8, n 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECKER, Howard S. *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

COMTE-SPONVILLE, André. *A vida humana*. São Paulo WMF Martins Fontes, 2007.

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina, In: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. JESUS, Carolina Maria de. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

DAVIS, Angela. *Mulher, raça e classe*. Tradução Livre. Plataforma Gueto: 2013.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Dàniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez., 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria*. Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MEDEIROS, Marcelo; PINHEIRO, Luana Simões. Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. *Revista Sociedade e Estado*, v. 33, n. 1, Jan./Abr., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/yjf6KzFkTcJJC5qrQF87PP/?lang=pt#>.

MELO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Débora. *Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. O inventário de uma certa poetisa. In: JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. As trabalhadoras do telemarketing: uma nova divisão sexual do trabalho? In: ANTUNES, R.; BRAGA, R. (Org.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, p. 7-16, 2009.

WOOLF, Virginia. As mulheres e a literatura. In: *A arte do romance*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM POCKET, p. 103-115, 2021.

WOOLF, Virginia. *Jane Eyre e O morro dos ventos uivantes*. In: *Mulheres e ficção*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, p. 46-53, 2019.

WOOLF, Virginia. *Mrs Dalloway*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Referência para citação deste artigo

PINTO, Simã Catarina de Lima. *Virginia e Carolina: a ambiguidade do espaço privado na vida das mulheres*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 1, p. 263 – 278, setembro de 2022.